

Tem um louco solto na Amazônia

romance

*Para correta visualização, esta página deve aparecer sozinha no monitor, e as páginas seguintes, em layout de página dupla.*

Título: Tem um louco solto na Amazônia

Autor: Felix Richter

Revisão: Luiz Sérgio Charles

Ilustração de capa: Cláudio Parreiras

1 Edição, Rio de Janeiro, 2009

Copyright: Felix Richter - Todos os direitos reservados

Editora: Céu Azul de Copacabana Editora Ltda.

www.colorfotos.com.br

firma@colorfotos.com.br

0055-21-2267-2827

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R395t

Richter, Felix, 1975-

Tem um louco solto na Amazônia : romance / Felix Richter. - Rio de Janeiro : Céu Azul de Copacabana, 2009.  
150p.

ISBN 978-85-87467-26-3

1. Romance brasileiro. I. Título.

09-5828.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

12.11.09 13.11.09

016198

---

**Atenção: documento com amostra das primeiras páginas do livro “Tem um louco solto na Amazônia”. Uso permitido somente para fins particulares – nenhum uso comercial ou publicitário deste documento é autorizado sem a aprovação prévia e por escrito do autor ou da editora. É proibida a cópia parcial e/ou integral deste documento e do conteúdo deste documento. É proibido qualquer tipo de distribuição deste documento. Agradecemos sua colaboração. Caso queira indicar este documento a um terceiro, pedimos a gentileza de fornecer o link <http://www.colorfotos.com.br/louco-amazonia.htm>. Obrigado.**

Dedico este livro a Gigi e Ernesto

Agradecimentos:

À Gigi, minha esposa, que aturou, durante quase dois anos, a resposta: “Agora não posso, tô escrevendo o meu livro!”

A meus pais, que me ensinaram o grande valor da natureza

Ao amigo Luiz Sérgio Charles, que respondeu a dezenas de emails, pedidos de auxílio em questões gramaticais e linguísticas, sendo fundamental no processo de transformação da história em obra literária.

Ao amigo Cláudio Parreiras, pela gentileza de criar a capa do livro.

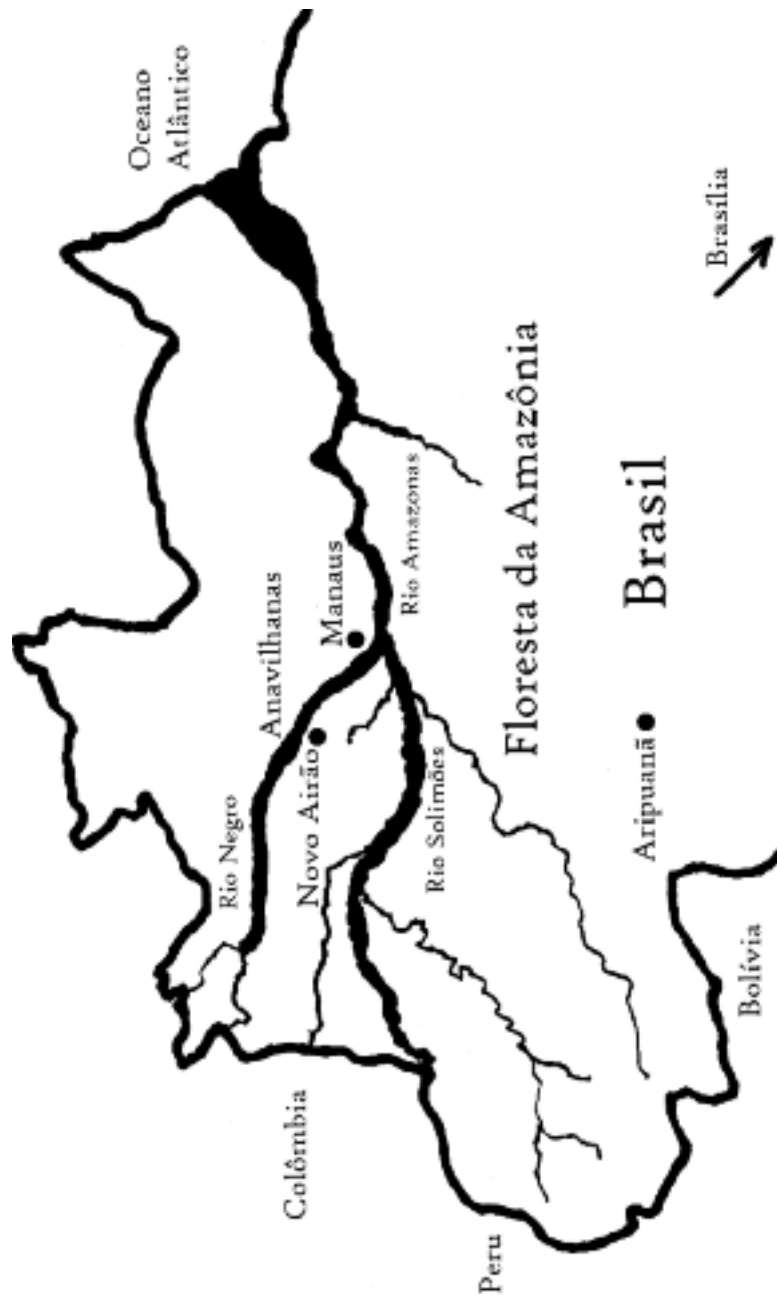
A todos aqueles que se empenham na preservação da Amazônia, e àqueles que têm a audácia de sonhar com um futuro verde.



Esta é uma obra de ficção. Personagens fictícios, como, por exemplo, o Presidente da República e o Ministro da Justiça, não têm qualquer ligação com os reais ocupantes dos respectivos cargos. Os personagens e situações desta obra não fazem referência a ocorrências e fatos, sendo qualquer semelhança com a realidade uma mera coincidência.



“Louco é aquele que perdeu tudo,  
menos a razão.” (Adágio grego)



Oceano Atlântico

Rio Negro

Anavilhanas

Novo Airão

Manaus

Rio Amazonas

Rio Solimões

Floresta da Amazônia

Brasil

Aripuanã

Brasília

Colômbia

Peru

Bolívia

BRASÍLIA, julho de 2004, início de uma tarde de sexta-feira. A chuva finalmente se dissipou no horizonte, permitindo a decolagem do avião monomotor. O pequeno aeroporto fora pavimentado durante a construção da capital, para suprir, discretamente, engenheiros e empreiteiros com prostitutas. Anos após a inauguração de Brasília, transformara-se numa opção econômica para táxis aéreos, na fuga das altas taxas operacionais do Aeroporto Internacional. Desde cedo, piloto e três passageiros aguardavam melhores condições meteorológicas, sentados no sofá de couro da minúscula sala de espera – chão de ladrilhos, paredes brancas sem quadros – somente o mapa do Brasil e um folheto de campanha para vacinação contra a febre amarela.

Duas horas adiante, sobrevoavam a Floresta Amazônica rumo a Manaus. Os passageiros, calados durante a longa espera no aeroporto, agora conversavam com desenvoltura em espanhol, causando estranheza ao piloto, pois haviam se identificado como brasileiros, portando, inclusive, carteiras de identidade nacionais. Seriam colombianos? O sotaque assim o indicava. De repente, o piloto percebeu um cano gelado na nuca e soube tratar-se de roubo. Sentiu, com estranheza, o sabor de doce caseiro na boca, laranja com canela, paladar há muito esquecido na infância distante no sítio dos avós. Em frações de segundo, ultrapassou os vinte anos que o separavam daquele passado, viu pássaros, crianças e trovoadas. Entristeceu-se por ter abandonado um sonho em especial, de viver na floresta. Um dos marginais assumiu o controle da aeronave, e ordenaram ao piloto destituído que pulasse do avião. Ele recusou-se. Ameaçaram matá-lo a tiros. O piloto argu-

mentou que morreria saltando da altura de 1000 pés, “morro de qualquer jeito”, ao menos o avião se mancharia de sangue caso o executassem no interior da cabine. Sabia que a intenção dos bandidos era vender a aeronave no mercado negro, provavelmente no da Colômbia. Ofereceram uma opção: sobrevoar um rio na altura de poucos metros, para que ele pulasse na água, podendo escapar com vida. Tampouco aceitou. Explicou que, mesmo superando a queda no rio, não haveria a menor possibilidade de sobreviver na Floresta da Amazônia, longe de qualquer vestígio da civilização. O marginal no comando da aeronave irritou-se, “Ya lo sé, déjame a mí!”. Seguiu voando por 50 minutos até pousar o avião em uma pista clandestina do tráfico de drogas, abandonada fazia alguns meses. Quando em atividade, repassava-se droga vinda da Colômbia a receptadores brasileiros. Um avião colombiano cruzava a fronteira, descarregavam os entorpecentes, e outro, brasileiro, levava a droga a São Luís do Maranhão, de onde seguia para os Estados Unidos e para a Europa. A Polícia Federal descobrira a ação, e os traficantes mudaram a rota.

Os sequestradores retiraram o piloto do avião para executá-lo. Deitaram-no sobre a grama, rala, seca e desidratada, e veio-lhe o cheiro de terra aos pulmões. Cerrou os olhos e aceitou a morte, em um gesto de humildade diante da força do destino. Não atiraram. Um dos marginais riu e disse: “Quero você se arrependendo pelos próximos cinco dias por não ter pulado do avião. Vai morrer de fome, medo, sede ou devorado por uma onça.”

ROMA, INSPIRADO NA CAPITAL ITALIANA, era o nome do piloto. Nascido em São Paulo, no início da década de 70, auge do movimento hippie brasileiro, não viveu a paz e o amor. Filho de pais judeus imigrantes da Polônia, teve uma educação rígida com poucos confortos. Pai e mãe eram amigos de infância. Em 1938, quando ainda crianças, os pais de Roma trocaram de continente. Vieram ao Brasil trazidos pelos avós paternos do piloto, que fugiram do exército nazista, enquanto os avós maternos se recusaram a deixar a pátria, desaparecendo para sempre no terror dos campos de concentração.

Na infância, Roma aprendeu o significado de ser filho de imigrantes judeus poloneses: os poucos confortos traduziam-se em culpa, a família era prioridade absoluta, e o lamento inexistia, uma vez que nada se comparava ao sofrimento dos compatriotas na Segunda Guerra Mundial. Mesmo sendo os pais prósperos comerciantes, o fusca, na garagem da modesta casa na capital paulista, traçava o limite dos excessos. Só não pouparam com educação: Roma frequentou os melhores cursos e colégios. Aos oito anos de idade, dividia-se entre os estudos e uma das lojas da família, ajudando na organização do estoque. Na escola, observava os colegas de sala, combinando as tardes no clube, e jamais compreendeu a escolha dos pais em abrir mão de qualquer forma de lazer e interação social. Não os culpava ou os repreendia nem se lamentava, apenas acreditava ser maior a vida. Via e ouvia fatos, como a lendária revolução hippie de Canoa Quebrada, quando um grupo de jovens adultos decidiu pela liberdade do ser e do sentir, renunciando a empregos, horários, estudos e a outros compromissos.

Somente durante as férias escolares, Roma mudava a rotina. Passava-as no sítio dos avós paternos, no interior de São Paulo, nas proximidades da cidade de Marília. Os avós foram marcados de forma diferente pelo holocausto; eram extremamente gratos por terem escapado aos horrores nazistas e perceberam que o valor da vida estava na modéstia do existir. Uma vez aposentados, recolheram-se à vida do campo, onde deixavam Roma brincar e se divertir; riam, jogavam cartas, faziam doces caseiros, caminhadas na floresta e pescavam em um rio próximo. Acordavam com o canto do galo e jantavam ao pôr-do-sol.

Roma aprendeu a ser sozinho. Na escola, não tinha amizades, por falta de contato com o mundo consumista dos colegas. No recreio, sentava-se a sós em um banco no fundo do pátio escolar e alimentava pombos com migalhas de pão. Raramente aparecia nas festas de aniversário dos colegas e, após algum tempo, deixou de ser convidado.

No sítio dos avós, extravasava toda energia juvenil acumulada. Corria horas pelas florestas de eucalipto ou desbravava a mata nativa. Quando cansado, observava pássaros, o passatempo preferido. Certo dia, admirando um casal de bem-te-vis, viu um tufo de penas alçar voo, um dos pássaros fugir e outro, tombar. Em seguida, ouviu gritos animados de dois garotos, ambos portando estilingues. Eram cerca de dois anos mais velhos que Roma, usavam roupas de marca e cabelos engomados. A ira o dominou. Catou um pedaço de pau e partiu para cima dos garotos. Antes que eles pudessem reagir, estavam estirados no chão, as cabeças sangrando e os estilingues despedaçados.

Nos anos seguintes, repetiram-se diversos episódios

de confronto. Roma aprendeu tudo sobre caçadores clandestinos e passava as férias escolares destruindo armadilhas e agredindo crianças que portassem estilingues. Muitas vezes levou a pior, pois não escolhia adversários. Certa vez meteu-se com um bando de sete meninos e sofreu tamanha surra, que precisou ser atendido no posto de saúde de Marília. Assim que se sentiu recuperado, foi sozinho às casas de todos os meninos, para denunciar o ocorrido aos respectivos pais. Os filhos eram caçadores, matavam animais indefesos e haviam-no agredido. De tão convincente e verdadeiro, arrancou um pedido de desculpas dos sete meninos e os transformou em seus primeiros amigos. A gangue de caçadores mirins transformou-se em defensores da mata, e Roma, em uma pequena lenda. Quando completou dezoito anos, ninguém na região ousava caçar, e todos aprenderam a respeitar a natureza e a admirar a vida silvestre. Até que ambos os avós faleceram em um intervalo de poucos meses. Os pais de Roma desfizeram-se do sítio, e ele nunca mais retornou à região.

Ingressou no curso de Biologia, contrariando os pais, que desejavam um advogado na família, e, paralelamente, tirou o brevê de piloto. Nunca namorou sério, embora arrancasse suspiros ao cruzar os corredores da universidade: alto, loiro e forte, os olhos azuis piscina e a barba malfeita. Todos o admiravam, temiam e respeitavam-no de uma forma estranha, o tipo de pessoa que esbarrava no encenqueiro da cidade e, ao invés de sopapos, recebia um pedido de desculpa. Carregava uma integridade tão profunda no olhar, que ninguém ousava questioná-lo. Formou-se como o primeiro da turma de Biologia, a melhor média de toda a faculdade, sem nunca estudar em casa, li-

mitando-se a prestar atenção às aulas. Em seguida, empregou-se como piloto em uma empresa de táxi-aéreo, a fim de se capitalizar para um doutorado na Europa.

ROMA PERMANECEU DEITADO por longos minutos, os olhos cerrados, incrédulo, perplexo, sentindo a terra vibrar nos passos dos bandidos para o avião, no decolar da aeronave; depois o silêncio e novamente a terra vibrando, agora na batida do coração. Percebeu cada membro do corpo, órgãos em atividade, sangue fluindo, saliva se compondo, ar invadindo-lhe as narinas, sobrancelhas se contraindo. O incômodo silêncio indicava isolamento. Fitou a intransitável Amazônia. Riu. Ironicamente, desejara esse momento algumas vezes, a solidão completa no coração da selva. Lembrou-se da famosa expressão, “cuidado com o que você pede”. Jamais seria encontrado naquela pista de pouso, pois deixara de ser usada por traficantes, e as investigações da polícia estavam encerradas. Precisava seguir adiante, dar o primeiro passo. Adentrar a selva significava dar adeus à segurança ilusória da abertura na floresta. Sabia que, uma vez na mata, não reencontraria o caminho de volta para a pista de pouso. Comparou-se a um naufrago deixando uma ilha a nado para cruzar o oceano repleto de tubarões, mas não enxergou alternativa. Grande parte das pessoas que morrem perdidas na floresta não falecem de fome, sede, frio, desidratação, de doenças ou atacados por animais selvagens; sucumbem por inércia, desistência ou por desespero.

Atônito, permaneceu sentado na grama até o anoite-

cer. Somente na púrpura do fim do dia, notou um acampamento abandonado pelos traficantes – quatro estacas de madeira, um teto de lona preta e uma rede de dormir amarrada com cordas grossas nas estacas. Encontrou ainda um pequeno estoque de suprimentos – dez latas de milho, seis isqueiros, água potável em dois garrafões de cinco litros, um rolo de barbante, meia garrafa de cachaça e um facão. Certificou-se de não haver aranhas, abelhas, marimbondos, escorpiões, formigas ou cobras no acampamento, descalçou as botas e acomodou-se na rede. Trajava roupas apropriadas à selva, pois, sendo piloto atuante na Amazônia, sempre considerou a hipótese de ser obrigado a fazer um pouso de emergência. Além das botas que cobriam até a metade das canelas, vestia calça de tecido resistente e jaqueta de couro. Calçou as botas novamente; na escuridão absoluta, quis estar pronto para a fuga no caso de uma emergência; a questão seria apenas uma: para onde fugir?

A brisa suave afastava os mosquitos. Deitado na rede, surpreendentemente calmo, pensou na vida. Àquela hora, sua mãe começaria a ficar aflita com a falta de notícias do filho. Ligaria para a empresa de táxi-aéreo e, após horas de falsas informações, diriam que o avião desaparecera no trajeto Brasília – Manaus. As buscas seriam iniciadas no dia seguinte, mas o controle aéreo acabaria por informar que o radar registrara o avião cruzando a fronteira com a Colômbia. Informariam à mãe que Roma, muito provavelmente, estaria morto. Ela não aceitaria. E passaria dias, semanas, meses esperando pelo filho, até que ele retornasse ou o tempo lhe apagasse a fé. Um forte calafrio percorreu a espinha de Roma. Conscientizou-se do quão

difícil seria a missão de atravessar a floresta até encontrar qualquer vestígio de civilização, uma casa de caboclos, garimpeiros, índios, grileiros, madeireiros ou um pequeno povoado. Traçou o plano de andar pela mata até alcançar um rio, para, então, seguir-lhe o fluxo. Quase todo rio pequeno desemboca em outro maior, e todo rio maior acaba por beirar alguma cidade. Ador-meceu.

Ao raiar do sol, um pequeno mico-macaco escalou a rede e sentou-se na barriga de Roma. O piloto acordou, assustou-se, gritou; o macaco o mordeu na mão esquerda, pulou para fora da rede e desapareceu na mata. Roma extravasou: “ahhhahhhahhhahhahha”. Veio-lhe a ameaça paranoica de ter contraído raiva, mas a formação de biólogo minimizou tal hipótese. Lavou o ferimento e aplicou um pouco da cachaça para desinfetar. Com o facão, abriu uma das latas de milho e fez a primeira refeição na selva. Bebeu pouca água, sem saber quando encontraria mais.

O que levar do acampamento? Facão, barbante e isqueiros pouco pesavam, mas não podia deixar para trás água, latas de alimento, rede, a lona preta e até mesmo a garrafa de cachaça, que acabou se justificando importante. Amarrou o facão na cintura, os isqueiros, dividiu-os entre os bolsos da calça e da jaqueta; dobrou a lona e a embrulhou, juntamente com as latas de alimento, a cachaça e um galão de água na rede, que transformou em bolsa para carregar às costas. O outro galão iria nas mãos, dividindo o peso.

Deliberou em qual direção partir. No pouso do avião, dera uma conferida nos instrumentos, memorizando o rumo aproximado de Manaus. Roma encontrava-se entre os rios Solimões e Negro, a 500 quilômetros de Manaus,

próximo à fronteira com a Colômbia. Surgiu a dúvida: por um lado, a saída mais próxima da mata localizava-se na direção sul, rumo ao Rio Solimões, onde havia um considerável fluxo de embarcações; por outro, seguindo ao norte, na direção do Rio Negro, aumentava a probabilidade de encontrar afluentes. Além do plano de seguir o fluxo de um rio, pesava a necessidade de obter água potável. E, mesmo sendo menor o trajeto para o Rio Solimões, a distância ainda superava os 150 quilômetros em linha reta.

Novo problema: uma vez escolhida a direção, como manter o rumo? Na mata densa, o céu é encoberto por folhagens, tornando impossível qualquer referência ao sol e às estrelas. Na realidade, pouco importava a direção, pois, no decorrer de algumas horas, provavelmente estaria caminhando no sentido oposto. Viu-se perdido na floresta, assustado, andando em círculos, sem sair do lugar. Atorreado, quis desistir. Precisou refletir sobre o problema de forma filosófica: na situação em que estava, era preferível morrer tentando a morrer esperando.

Avançou dez metros mata adentro, pretendendo avaliar a dificuldade de locomoção. Surpreendeu-se por ser mais fácil que o imaginado. Uma vez que as copas das árvores retinham grande parte da luz do sol, o que ele acreditou-se ser uma teia de plantas variadas era, na realidade, uma floresta espaçosa, onde facilmente se deslocaria. Surgiu um sopro de esperança.

Quando o relógio de pulso marcou o exato meio-dia, Roma, agora carregando toda aquela tralha, deu o primeiro passo da aventura forçada. Decidiu seguir na direção norte, trilhando o percurso maior, na expectativa de encontrar água. Outra tática seria escalar, toda manhã e fim de dia,

uma árvore, para ver a posição do nascer e do pôr-do-sol e manter o rumo.

LONGE DA SELVA brasileira, no Canadá gelado, Tiffany abdicava de conforto e de previsibilidade, em troca de alguns sorrisos e da certeza de tornar o mundo melhor. Nascida em 1984, na cidade de Toronto, filha caçula de quatro irmãos, veio ao planeta a passeio. Os pais trabalhavam meio expediente e tiveram todo o tempo do mundo para proporcionar aos quatro filhos uma infância repleta de amor, brincadeiras, dedicação, teatros, montanhas, cavalgadas, cursos de línguas estrangeiras, bichos de estimação e de outros mimos. Durante 20 anos, duas singelas palavras descreviam a existência de Tiffany: alegria e felicidade.

O universo trabalha, em parte, através dos extremos. Em 2004, Tiffany teve a paz ferida por uma reportagem sobre a exploração sexual de meninas adolescentes nos garimpos clandestinos da Amazônia brasileira. A canadense inocente, habitante do mundo perfeito, de repente se viu confrontada com os dois maiores pesadelos da mulher: escravidão e violência sexual. A matéria, publicada em uma revista semanal, descreveu com tantos detalhes as malverdades do homem na selva, que uma imensa culpa se abateu sobre Tiffany, confrontando felicidade extrema e abandono completo, amor e estupro, enfim, paz e inferno. O passeio no planeta terra terminara. Sentiu-se incapaz de continuar na perfeição do Canadá: precisava fazer algo não só pelas meninas injustiçadas, mas por ela mesma. Surgiu

a necessidade de retribuir ao mundo o imenso carinho que recebera durante infância e a adolescência.

Contatou, por email, o jornalista da reportagem arrebatadora, e ele a informou de uma senhora australiana de nome Madlen, na cidade de Novo Airão, Estado do Amazonas, que cuidava de meninas vitimadas pela violência sexual. Após alguns dias e muita insistência, Tiffany localizou um conhecido de Madlen, em Manaus, que prometeu consultar a senhora sobre a possibilidade de Tiffany ajudar no trabalho com as meninas. A resposta veio em cinco dias: “Sim, o quanto antes melhor!”. Após longas discussões com a família, que, até então, não levava a sério as intenções de Tiffany, a moça abandonou aquele mundo perfeito e desembarcou no Aeroporto Internacional de Manaus sob o calor úmido de 38 graus.

Conforme o combinado, Reginaldo, o amigo de Madlen, aguardava-a no aeroporto com um cartaz indicando o nome de Tiffany. Ele arranhava o inglês, e ela falava espanhol, de forma que se comunicaram com facilidade. Reginaldo era um homem na casa dos cinquenta, a pele escura, provavelmente de tanto expô-la ao sol, pois olhos verdes indicavam origem estrangeira, mesmo que distante. Os poucos cabelos grisalhos brincavam ao vento, enquanto ele dirigia um fusca branco, a janela aberta e o braço pendurado para fora. Tiffany observou Reginaldo com curiosidade. As marcas do tempo revelavam uma vida incompatível com a realidade canadense. O braço para fora do carro também seria impensável naquele país, e a espontaneidade da conversa pouco lembrava as formalidades de Toronto. Reginaldo fora instruído a dirigir com a moça por alguns bairros carentes da periferia de Manaus,

para que Tiffany percebesse um pouco da conflitante realidade brasileira, antes de se isolar em Novo Airão. Madlen acreditava ser necessário mostrar a razão de as meninas abandonarem os lares, vendidas ou por vontade própria. A pobreza extrema não justifica certos gestos, mas torna-os um pouco compreensíveis. Madlen queria evitar que Tiffany chegasse a Novo Airão julgando a todos e todo mundo, como outros voluntários o fizeram antes. A questão nunca foram os julgamentos em si, mas a incapacidade de aproximação entre um voluntário e o ajudado, quando não havia o mínimo de aceitação da realidade alheia, por mais oposta que fosse.

Após duas horas cruzando a periferia, Reginaldo deixou Tiffany em um hotel barato na área portuária de Manaus. Combinaram rever-se à noite para jantar fora. Somente no dia seguinte, ela seguiria de barco até Novo Airão. Tiffany tomou um banho rápido e deixou cair-se na cama ao som entorpecente do ventilador de teto. O quarto em nada fazia lembrar os hotéis de sua terra natal – um espelho trincado e manchado na parede frente à cama, logo em baixo, uma mesa de madeira envergada, algumas rachaduras no teto, infiltrações no rejunte da janela e um armário cuja porta não fechava. No banheiro, a cortina de plástico surrado separava o chuveiro do vaso sanitário.

Tiffany cerrou os olhos, e as imagens dos bairros pobres de Manaus bombardearam-na: crianças brincando em poças de água imundas, cachorros corroídos por bicheiras, homens dormindo nas calçadas, ruas sem asfalto e instalações elétricas sem isolamento adequado. Meninas trajando roupas provocantes, minissaias e camisas recor-

tadas, que, no Canadá, nem mesmo mulheres adultas vestiriam. Pessoas desnutridas contrastando com pessoas gordas, diferentes dos obesos canadenses – difícil de explicar. Viu bares de fundo de quintal, brigas de bêbado e meninos soltando pipa; viu porcos, cabras, vacas e cavalos cruzando as ruas, o homem sem pernas arrastando-se de skate, um cego que parecia enxergar pedindo esmola, carros caindo aos pedaços, churrasquinho de beira de estrada e tanto mais, que não conseguiu pegar no sono.

Compreensível, pois o Canadá é o mundo quase perfeito. Qualquer cidadão, mesmo que jamais tenha contribuído com impostos, tem direito a uma aposentadoria de fazer inveja aos melhores planos de previdência privada no Brasil, custeada pelo governo. As escolas e os hospitais, além de gratuitos, figuram entre os melhores do mundo. A taxa de criminalidade é mínima, mesmo comparada a outros países do dito Primeiro Mundo, como à Alemanha e aos Estados Unidos. Os serviços são impecáveis, desde o transporte público às associações de moradores. Há natureza para todos os gostos: oceanos, lagos, montanhas, neve, praias, geleiras, rios e campos vastos, exemplarmente preservados. Enfim, o Canadá figurava no topo da lista dos países com melhor qualidade de vida do planeta.

Quando, no início da noite, Reginaldo pediu que chamassem Tiffany, esperou durante quase meia hora, pois a moça havia caído em sono profundo, o primeiro após 40 horas de viagem. Finalmente, ainda tonta, surgiu na recepção do hotel, trajando calça jeans justa e camiseta branca. Só agora, Reginaldo notou a beleza de Tiffany. Longos cabelos negros e encaracolados, realçavam o rosto de traços finos, enquanto os olhos verdes, grandes e re-

dondos contrastavam com a pele branca e sedosa. Elegante e delgada, media quase um metro e oitenta, os seios pequenos, quadril justo, braços magros e pernas longas. Reginaldo, em hipótese alguma, teria se aproximado dela com intenções de namoro. Casado, pai de duas filhas, sabia respeitar beleza e sensualidade, e conhecia, ao contrário de muitos homens, o limite da idade que os separava. Mas era impossível ignorar a beleza de Tiffany.

Após o jantar, Reginaldo, seguindo as instruções de Madlen, familiarizou Tiffany com a realidade da prostituição. Tratou de levá-la ao maior prostíbulo legal de Manaus – legal, pois todas as moças eram maiores de idade e trabalhavam sem vínculo com a casa, o cliente pagava separadamente pelos serviços da moça e do prostíbulo. Todas trabalhavam por livre e espontânea vontade – ou por capricho do destino – como costumavam afirmar. Reginaldo e Tiffany sentaram-se em um sofá no fundo do salão escuro, de onde podiam observar a relação das moças com os clientes, sem chamar atenção.

As moças figuravam na faixa dos 18 aos 20 anos e, aos olhos de Tiffany, eram de grande beleza, principalmente de corpo. Usavam roupas padronizadas, vestidos curtos e arejados, que erguiam com frequência para enlouquecer os clientes. Muitas tinham traços indígenas, não que fossem índias, mas o parentesco, pelo menos distante, era inegável. Garçons circulavam por entre as prostitutas e os cerca de vinte clientes. Música e luzes coloridas faziam do local uma festa animada. Os clientes beijavam algumas moças, depois beijavam outras moças, então as moças beijavam outros clientes e, para criar excitação, as moças beijavam-se também. Em intervalos regulares, uma prostituta subia

no pequeno palco montado ao lado do bar, para fazer um strip-tease. Alguns dos clientes enfiavam as mãos por baixo dos vestidos, mas eram logo reprimidos pelas prostitutas. Acabavam se rendendo à excitação e desapareciam com uma ou mais moças por uma escada no fundo do salão, que levava aos quartos.

Tiffany sentiu certo receio por estar com um homem desconhecido em um prostíbulo de um país estranho, mas, por outro lado, ele fora indicado pelo jornalista norte-americano, e duas importantes entidades de direitos humanos confirmaram-no de confiança. Reginaldo, percebendo o ligeiro mal-estar, tratou de explicar-se à moça.

“Madlen me pediu pra te trazer aqui, pra você ver com os seus próprios olhos o que muita gente não quer entender: existem prostitutas que querem ser prostitutas. Como elas chegaram a esse ponto, é uma outra história. Algumas dessas moças foram iniciadas de forma violenta e forçada, mas hoje não largam essa vida por opção. Conseguem tirar, em poucas horas, o que uma atendente de supermercado ganha como salário mensal. Você tá me entendendo ou quer que eu fale mais devagar?”. Tiffany fez sinal que sim, que estava entendendo perfeitamente. Reginaldo prosseguiu: “Você vai encontrar muitas dessas moças pela frente, e nos garimpos a questão se torna ainda mais incompreensível, pois lá elas se prostituem pelo valor de um almoço. Meninas de 15 anos fazendo sexo por alguns trocados. Então você pensa que oferecer casa e comida a essas moças é uma imensa caridade, mas elas surpreendentemente dizem não. Satisfazendo dez homens em um único dia, conseguem dinheiro suficiente pra comprar uma saia nova, algo que nunca tiveram em casa. Veem a possi-

bilidade de abandonar a miséria onde nasceram. Não se contentam em dividir o quarto com outras cinco meninas na ONG de Madlen, lavar louça, ter três refeições básicas e recuperar o tempo de escola que perderam. Querem o pouco poder financeiro que a prostituição oferece.” Tiffany acreditava compreender as palavras de Reginaldo, mas ele sabia que esse entendimento desapareceria quando a canadense visse a situação penosa dessas prostitutas de perto. Continuou: “Madlen não ajuda esse tipo de meninas. Ela não consegue convencer alguém a deixar de fazer algo no que esse alguém acredita, mesmo que seja uma menina de 15 anos se prostituindo por um par de sapatos. O trabalho de Madlen é ajudar meninas que são forçadas, muitas vezes pelos próprios pais, a se prostituir. Meninas que não recebem o dinheiro do sexo, escravas privadas de infância e adolescência, espancadas e humilhadas diariamente. Quando ela descobre uma dessas meninas na selva, conta com o apoio de alguns policiais de Novo Airão para resgatá-la. Existe um acordo tácito: Madlen não combate a prostituição de menores de 18 anos em si, pois muitos policiais mal-pagos recebem um dinheiro extra fazendo a segurança das meninas. Em troca, a escravidão sexual é combatida com rigor, e Madlen e suas resgatadas recebem proteção policial.”

ROMA PERDERA POR COMPLETO a noção de orientação após três dias na mata. A ideia inicial, de subir em árvores para orientar-se na posição do sol, falhara na primeira tentativa, ao deparar-se com uma jararaca e ser

picado por formigas. O fim próximo do primeiro galão de água inquietava, não havendo vestígios de rios ou riachos. Suava muito no calor abafado da Amazônia. Na intenção de consumir menos água, caminhava somente de manhã cedo e à tarde, descansando nas horas próximas ao meio-dia. Pernoitava na rede, armada entre duas árvores, a no mínimo um metro do chão, resguardando-se de cobras, aranhas e insetos. Preocupava-se constantemente com a pouca quantidade de comida, sendo a provável futura falta de alimento o pensamento dominante, ideia fixa que dissimulava a questão principal, estar perdido na Floresta da Amazônia. Caso Roma compreendesse que vagava desorientado na maior floresta do mundo, encostar-se-ia em uma árvore para morrer de desistência. A constante preocupação com o alimento servia de escape à realidade, artifício complexo da mente humana. Encontraria água cedo ou tarde, mesmo porque chovia diariamente, temporais dos trópicos, e descobriria uma forma de coletar a chuva, mas repor o estoque de comida seria complicado. Pensou em construir uma armadilha, lembrava de diversas da época em que as destruía no sítio dos avós, mas faltava a ceva. Caso utilizasse o milho, formigas o devorariam antes de atrair um gambá, tatu ou paca. Concentrava as esperanças em encontrar frutas.

No fim da manhã do quarto dia, Roma, exaurido, encostou-se em uma sumaúma gigante, cerrou os olhos e adormeceu. Acordou com um estrondo pavoroso, urro selvagem e violento. Mesmo sem nunca ter ouvido semelhante bramido, soube tratar-se de uma onça. Receoso, abriu os olhos e avistou uma onça-negra, enorme, pesada, musculosa. Menos de 15 metros os separavam. Cruzaram

olhares por alguns segundos, e a fera desapareceu na mata. Roma manteve-se calmo. A onça o respeitara durante o sono, também não o atacaria no futuro, concluiu. Mas tão logo prosseguiu no cair da tarde, não sabia dar dez passos sem olhar para trás. Tinha a estranha sensação de que a onça-negra o seguia, e seguia mesmo. À noite, deitado na rede, esturros\* nas proximidades. Além da provável falta de comida, surgia uma nova e constante preocupação: a onça-negra.

Naquela noite, Roma refletiu sobre a fé em Deus e sobre as pessoas, ditas religiosas, da cidade. Rezavam diariamente, frequentavam igrejas, sinagogas e outros templos, pediam ajuda nas tormentas. É fácil ter fé em Deus nas sociedades organizadas. O velho de coração defeituoso faz uma delicada cirurgia e, ao receber alta, credita a cura a Deus. A casa pega fogo, chamam-se os bombeiros, todos sobrevivem, e Deus recebe os agradecimentos. A família faminta recebe doação de alimentos, e novamente Deus é louvado na missa. Nas cidades, o homem pede a Deus, mas recorre ao homem. Riu com ironia, o primeiro riso há dias. Queria ver as pessoas rezando na Amazônia. Se Roma fosse picado por uma cobra venenosa, não havia fé capaz de salvá-lo. Caso a onça resolvesse atacá-lo, a melhor das rezas seria também a mais inútil. A sobrevivência dependia somente dele. Precisava estar atento aos perigos da mata, encontrar alimento, coletar água e, dentro do possível, manter o rumo em linha reta. Nada de específico para pedir a Deus, somente força, destreza e coragem. Concluiu que, nas sociedades organizadas, os pedidos a Deus eram diversos e variados, enquanto, na selva, resumiam-se basicamente ao reforço às qualidades do homem. Na

cidade, Deus transformara-se em uma espécie de amuleto da sorte. Na selva, Deus era o reencontro de Roma com a essência humana.

Quando a luz do amanhecer entranhou-se na floresta, Roma avistou a onça-negra. Ela o encarou por alguns segundos, olhos reluzentes e indecifráveis, para, em seguida, desaparecer nas folhas. Por que a onça-negra o seguia? Imaginou duas hipóteses: na primeira e menos temerosa, a fera estranhava a presença do piloto. Onças são animais territoriais, que demarcam fronteiras com urina e patrulham-nas constantemente. Na regra, compartilham o território com outros predadores, como sucuris, jacarés e felinos menores, não aturando, porém, a presença de iguais. A hipótese seria, portanto, que a onça-negra visse em Roma um possível concorrente. Por um lado, não se tratava, a princípio, de um rival da mesma espécie, por outro, a onça nunca antes avistara um predador daquele porte. Há duas características que definem o ser humano como predador: o olhar direcional e a posição ereta, vista como agressiva no reino animal. Seguindo este raciocínio, a onça seguia Roma para decifrar e talvez intimidar um concorrente compartilhando o território.

A segunda hipótese inquietava: a onça-negra estudava a melhor maneira para atacá-lo. Onças também se alimentam de predadores, e Roma era, devido às proporções, uma excelente refeição. Felinos são animais cautelosos, guiados pelo instinto de dar o bote certo. Há poucos registros de ataque de onças a humanos no Brasil. Quando ocorrem, excluindo os confrontos durante caçadas ilegais, seguem a premissa da rotina. Houve, por exemplo, o caso de um soldado, que todo dia percorria de bicicleta uma tri-

lha na floresta. Após algumas semanas, foi atacado e morto por uma onça-pintada. Pesquisadores concluíram que a onça observava o soldado fazia tempo, e, certo dia, faminta, acostumada à constante presença e conhecendo os movimentos do ciclista, executou o bote perfeito.

COM O PASSAR DAS SEMANAS, Roma perdeu 25% de peso corporal. As pequenas porções diárias de milho não compensavam a grande perda de calorias das longas caminhadas. Andava menos dia após dia. Se, no início, percorrera dez quilômetros entre o nascer e o pôr-do-sol, agora, não completava cinco. Pés sofriam com bolhas, mãos ardiavam com cortes e picadas de insetos, roupas causavam assaduras. Durante o dia, sentia-se mole e fraco, à noite, sofria de insônia. A onça o deixara, aos poucos, paranoico. Qualquer estalar na mata apavorava. Roma perdera a noção do tempo na floresta, dias, meses, semanas? A determinação tornara-se o ato robótico do seguir em frente. Água e alimento aproximavam-se do fim.

Certo anoitecer, Roma não encontrou forças para armar a rede, estirando-se no chão para dormir. A comida acabara dois dias antes. Bebeu o último gole de água e fitou o céu, notando algumas estrelas embaciadas através da folhagem. Foi a primeira vez, desde o início da caminhada, que viu estrelas. Não interpretou tal fato, o raciocínio fugiu-lhe na exaustão. Fraco e desesperançado, aceitou novamente o adeus à vida. Mas quando ia se desligar do mundo, surgiu, assim de repente, a compreensão da existência. Sempre questionara por que, mesmo as pes-

soas miseráveis, famintas e sem qualquer perspectiva desesperavam-se ao encarar a morte. A resposta surgiu como um arco-íris na pior das tempestades: a proximidade do fim revelava o imenso tesouro ocultado nas agonias diárias, máscaras da sina humana de infelicidade. Em questão de segundos, o mundo resumiu-se à beleza nua e verdadeira. Quando, semanas antes, estivera prestes a ser executado, não fora humildade que o impedira de implorar pela vida, mas orgulho. Agora, sozinho, travando uma feroz batalha com a morte em si, gigantesca, desmascarada, sem intermediários humanos, revelava-se a real natureza de Roma – um ser apaixonado pela vida.

Com um movimento brusco nas árvores, vento fresco e úmido, as estrelas desaparecem. Roma ouve a onça esturrando na mata, bem próximo de onde está deitado. Gotas pesadas de chuva despencam das alturas, trovoadas sacodem almas, relâmpagos intensos cortam a escuridão. Roma respira aliviado, a tempestade repõem-lhe, em parte, as energias esgotadas. Sente um bafo quente no rosto, e um relâmpago revela o imenso crânio da onça-negra, a poucos centímetros de seus olhos. No reflexo, puxa-se para trás, tenta escapar à fera. Cada novo relâmpago mostra a onça o seguindo, conforme ele se arrasta, de costas, no lodo causado pela chuva. Roma quer viver, sobreviver, apega-se à riqueza revelada. Exaurido, agarra o último sopro de força para erguer-se, dá alguns passos para trás, tropeça e desmorona. A visão embaça, os sentidos se perdem.

*Esta foi uma amostra de 29 das 150 páginas do livro. Este livro está a venda nas melhores livrarias do Brasil (lançamento Janeiro de 2010).*